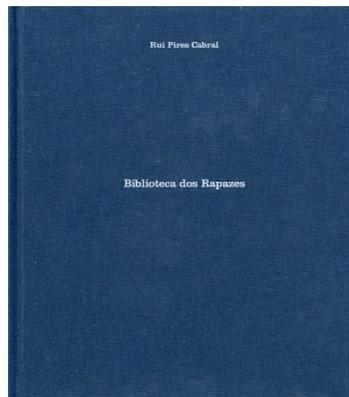


# **BIBLIOTECA DOS RAPAZES, DE RUI PIRES CABRAL**

**Tamy de Macedo Pimenta**

**UFF**

Resenha de CABRAL, Rui Pires. *Biblioteca dos rapazes*. Lisboa: Pianola, 2012.



Que importa  
que tudo rode para um fim e que a nossa verdadeira  
condição seja morrer um pouco mais a cada instante?

(CABRAL, 2005, p. 19)

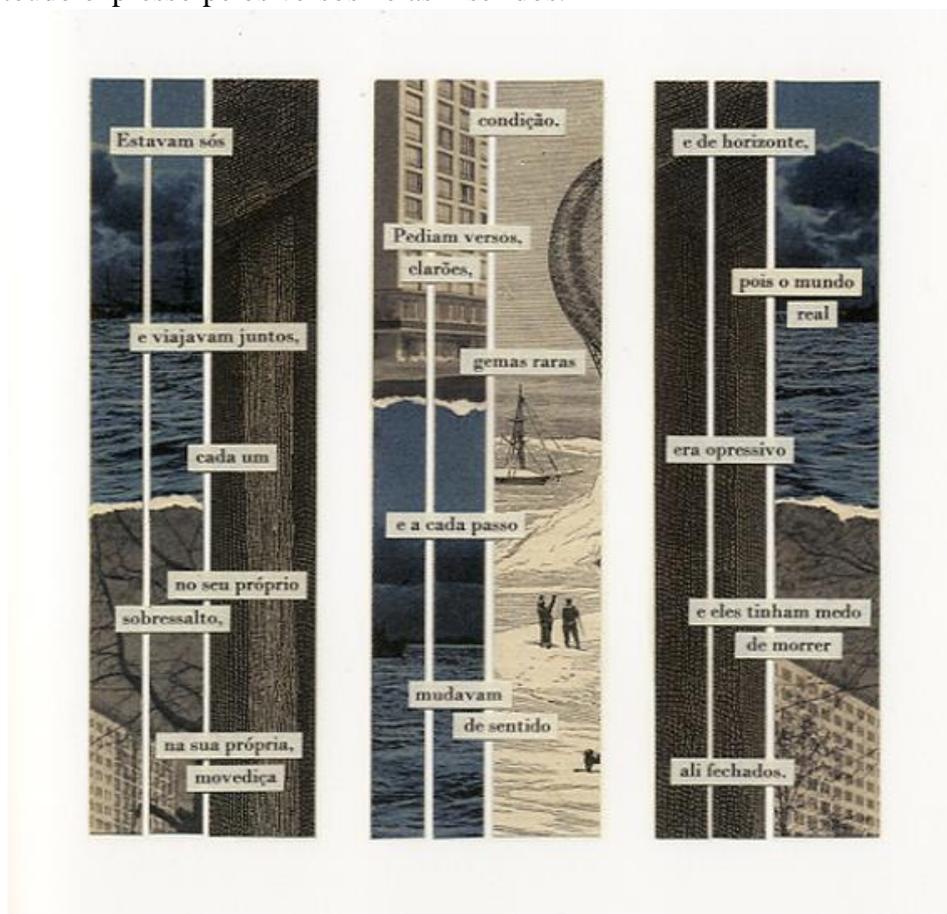
Biblioteca dos rapazes é o título mais recente de Rui Pires Cabral,<sup>1</sup> lançado em 2012 pela Pianola Editores. Diferencia-se de sua obra anterior logo ao primeiro olhar, por tratar-se de um livro formado por poemas-colagem inspirados por romances de aventura e livros variados de literatura juvenil. Segundo o próprio autor, essa inspiração dá-se “no sentido mais material possível” (p. 5), uma vez que a maior parte dos versos

---

<sup>1</sup> Poeta e tradutor formado em história pela Universidade do Porto, nascido em Macedo de Cavaleiros, Portugal, no ano de 1967. Seu primeiro livro, *Qualquer coisa estranha*, de contos, foi publicado em 1985 e a ele se seguiram mais dez, de poesia: *Pensão Bellinzona e outros poemas* (1994) *Geografia das estações* (1994), *A super-realidade* (1995), *Música antológica & onze cidades* (1997), *Praças e quintais* (2003), *Longe da aldeia* (2005), *Capitais da solidão* (2006), *Oráculos de cabeceira* (2009), *A Pocket Guide to Birds* (2009) e *Biblioteca dos rapazes* (2012). Seus poemas estão presentes em antologias, cujas principais são *Anos 90 e agora: uma antologia da nova poesia portuguesa* (2001), *Poetas sem qualidades* (2002), *9 poetas para o século XXI* (2003) e o segundo volume de *Portugal, 0* (2007). Como tradutor de língua inglesa, destacam-se os trabalhos com os livros *Uma casa no fim do mundo*, *Sangue do meu sangue* e *Dias exemplares* de Michael Cunningham.

foram compostos com palavras e expressões recortadas dessas fontes, de onde também provêm muitas das imagens utilizadas nas colagens. Mas por que voltar aos livros da juventude e recortá-los – o que não foi feito “sem algum remorso” (p. 5) –, (re) transformando-os em matéria poética?

As imagens, tiradas de “revistas e postais antigos, fotografias de anônimos, velhas enciclopédias juvenis, calendários, monografias fotográficas de cidades estrangeiras, além das estampas e ilustrações dos livros” (p. 5), são dispostas ao longo dos poemas rasgadas e coladas, de maneira dispersa. Na maioria dos poemas-colagem, as figuras se repetem e se complementam, com fragmentos espalhados ao longo das três colunas em que se dividem todos os poemas do livro. Essa aparente desorientação de imagens, entretanto, forma em cada poema um todo coeso de sentido, ligando-se ao conteúdo expresso pelos versos nelas inseridos.



(p. 17)

No poema acima, por exemplo, quatro imagens são cortadas e alternadas: a do mar, a de um prédio com árvores sem folhas, a de que parece ser uma madeira escura e a de uma provável aventura em alto-mar, com direito a um monstro marítimo. O diálogo entre essas figuras e o que as palavras coladas sobre elas evocam vai desde o tom sombrio dos versos e a escuridão das cores das ilustrações a sutis detalhes como a concisão de “e eles tinham medo/de morrer//ali fechados.” com o prédio, que, assim como toda a realidade no poema evocada, é um símbolo opressivo. O edifício, porém, tem janelas, oferecendo a possibilidade de fuga do real opressivo que os sujeitos do

poema buscam. Esses sujeitos viajam tentando procurar um escape, mas para essa aventura eles não têm mapa: “e a cada passo//mudavam/de sentido//e de horizonte”.

Imagens de desorientação percorrem todo o livro e são tão insistentes que nos levam a interpretá-las não somente como a desorientação literal de “uma bússola/quebrada” (p. 29), mas como a inconstância e imprevisibilidade da vida: nossa “movediça//condição” (p. 17). Na aventura de viver, sentimos-nos como uma “escuna/perdida no mar” (p. 13), cercados de incertezas e guiados por um vento com o qual não podemos dialogar – “Deus é bom,//mas só de esguelha,/no papel. E sempre/tão calado...” (p. 35) – até que de repente “perdemos o leme” (p. 31): A única certeza que se pode ter é a morte.

O tema da morte, sem dúvida, percorre toda a *Biblioteca dos rapazes* como uma sombra que teima em reforçar sua inevitabilidade: “A regra é a morte” (p. 37). Ela é representada ao longo das páginas de diversas maneiras, desde aspectos formais ao próprio conteúdo que os poemas-colagem despertam. O livro é dividido em três partes, “Enigmas”, “Viagens” e “Sobressaltos” – e não pode a morte ser interpretada como um enigma, uma viagem ou um sobressalto? –, cada uma composta por cinco poemas-colagem que são, por sua vez, divididos em três colunas. Essa recorrência do número três parece apontar para o ciclo da vida; para o começo, meio e fim inevitáveis a todos nós: “Cá fora, porém,/o ciclo recomeça://Dezembro, Janeiro,//Fevereiro –” (p. 39). Nas colagens, temos a preponderância de tons escuros e sombrios, além de ilustrações e fotos de mares revoltos, abismos nas montanhas, monstros marítimos e mais de uma vez a presença de um homem que mergulha no perigoso oceano (p. 23 e 27).

Essas figuras são comuns nos livros juvenis que serviram como matéria verbal e imagética para o livro de Rui Pires Cabral (e é interessante ressaltar que 16 dos 36 títulos utilizados são da autoria de Júlio Verne), assim como o tema da morte. Em histórias de aventura, o perigo é o principal artifício para manter a tensão do enredo, e o fantasma da morte sempre assombra os personagens:



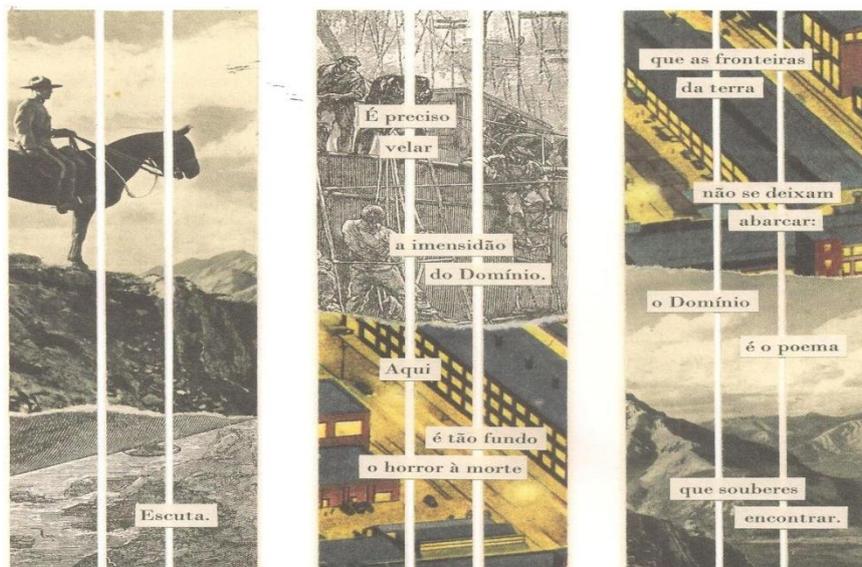
(p. 31)

Outro elemento relacionado a esse tema é o fato de o livro ser dedicado *in memoriam* de Mário Rui Oliveira Pires Cabral, primo-irmão do autor que começou a formular *Biblioteca* pouco depois de seu falecimento. Não são raras as menções à morte física de alguém próximo, geralmente associadas a um estado doentio que se acentua até o último momento: “O nosso irmão/vacilava.//Em vão/lhe suplicamos//que voltasse a ser/quem era://no seu peito estremecia//a ferida escura//de que viria a morrer,//ao terceiro mês/de minguá” (p. 27). No último poema do livro, chama a atenção uma figura encapuzada que nos lembra simultaneamente uma santa e um vulto sinistro, em meio a versos que descrevem a espera que “era já/o fim que tardava” (p. 43).

Unindo o fato biográfico da morte de um primo com os elementos utilizados como inspiração material para essa obra – livros de aventura e juvenis – penso não ser sobreinterpretação dizer que emerge dos versos outra morte: a da juventude. Sepulta-se, portanto, também o encerramento de um tempo quando as tristezas e os riscos eram exclusividade das histórias que se lia e ouvia: Tempo de inocência, de rapazes “com paus, dispostos aos apuros/de uma aventura” (CABRAL, 1997, p. 27) cujo perigo não conheciam.

Assim, o espectro insistente em *Biblioteca dos rapazes* aponta simultaneamente para a fugacidade do tempo e para a morte de um ente querido que estava presente nesse tempo. E, sob essa dupla faceta, para o inescapável fim das coisas: no tempo e na matéria.

Mais do que uma constatação desse término, o livro, a partir da recolha de objetos antigos pessoais e da reunião de lembranças, constrói uma espécie de memorando que tenta recuperar esse tempo perdido. Longe de um projeto utópico, a poesia de Rui Pires Cabral problematiza sua própria condição, pois, ao mesmo tempo em que sabe ser vã a tentativa de fixar a juventude, encontra na poesia o único escape para eternizar suas recordações: “o Domínio//é o poema//que souberes encontrar” (p. 11).



**REFERÊNCIAS:**

CABRAL, Rui Pires. *Música antológica e onze cidades*. Lisboa: Presença, 1997.  
\_\_\_\_\_. *Longe da aldeia*. Lisboa: Averno, 2005.

**MINICURRÍCULO:**

Tamy de Macedo Pimenta é graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, sob orientação da Profa. Dra. Ida Alves. A partir de fevereiro de 2014, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura nessa mesma Universidade.